



## EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: Construindo possibilidades inclusivas para alunos com tdah

Daisy Cristina Olerich Cecatto<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo

**Resumo:** Quando pensamos em preparar aulas para alunos e alunas de uma sala de aula real, composta pela essência da heterogeneidade, é relevante considerar que, dentro desta pluralidade, o número de crianças e adolescentes com laudo de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) no Brasil varia entre 5% e 8%, segundo a ABDA - Associação Brasileira do Déficit de Atenção. De forma simplificada, o TDAH é caracterizado pela dificuldade que o aluno tem em “prestar e manter a atenção”. Neste contexto, construir significados com os alunos ou abordar conteúdos de maneira relevante para eles, é um dos maiores desafios da educação linguística. Considerando o aumento da presença de alunos com TDAH nas escolas e as dificuldades relatadas pelos professores em atendê-los de forma inclusiva, tornou-se evidente nossa responsabilidade diante da pluralidade e subjetividade desses alunos (D.C.Olerich, 2023). De acordo com Monte Mor (2011), através do letramento crítico na educação linguística, temos a possibilidade de equipar os sujeitos para expandir suas compreensões e interpretações. Desta maneira, a oportunidade que temos em uma aula de língua estrangeira é muito especial e não deve ser desperdiçada, pois apesar da necessidade de cumprirmos o conteúdo, podemos ensiná-lo através de várias lentes. Nesta perspectiva, é importante ainda ressaltar que, não apenas os alunos TDAH, mas todos os corpos que estão em sala de aula, são cada vez mais plurais e multimodais. Assim, este trabalho propõe uma reflexão sobre possibilidades inclusivas para alunos com TDAH sob as lentes do Letramento Crítico.

**Palavras-chave:** Educação linguística crítica. Língua estrangeira. TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade). Formação de professores.

### Introdução

Em um mundo cada vez mais imagético, atrevo-me a parafrasear o mestre Rubem Alves, dizendo que: Também as *imagens* só tem sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Construir sentidos com os alunos ou tratar de algum conteúdo de maneira que faça sentido com e para eles, é um dos maiores desafios da educação linguística na era da sociedade digital, pois segundo Monte Mór estes alunos

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, da Universidade de São Paulo (PPEGLLI USP). E-mail: daisy.olerich@gmail.com



[...]. não limitam as suas capacidades de agência..., apreendem a flexibilidade e a riqueza da multimodalidade – linguagens dos/das imagens, sons, tons, cores, corpos, gestualidades, emoções – amplamente visibilizada pelos recursos digitais, ... nas quais podem extrapolar o paradigma da ordem alfabética do letramento convencional...” (Monte Mor, 2017, P. 11).

Diante desta multiplicidade, quando pensamos em preparar aula para alunos reais, de uma sala de aula real - aqueles e aquelas compostos pelo essencial elixir da heterogeneidade – faz-se relevante considerar que, dentro desta diversidade, o número de crianças e adolescentes com laudo de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) ou TDA (Transtorno do Déficit de Atenção) no Brasil varia entre 5% e 8%, segundo a ABDA<sup>2</sup> - Associação Brasileira do Déficit de Atenção.

De forma simplificada, o TDA ou TDAH é um transtorno caracterizado, principalmente, pela dificuldade do sujeito de “prestar e manter a atenção”, dificuldade esta que pode vir acompanhada de uma ou mais comorbidades como hiperatividade, dislexia, discalculia, depressão, entre outras.

Neste sentido, quando nos referimos à dificuldade de manter a atenção, diversas estratégias podem ser utilizadas como recursos para auxiliar na questão, tanto dentro como fora da sala de aula. O fato é que, a maioria destas estratégias, passa pela premissa de despertar no sujeito aquilo que o encanta, aquilo que desperta suas emoções ou novamente citando Rubem Alves, aquilo que o espanta.

As emoções abrem as portas para o cognitivo e as imagens despertam as emoções. Imagens são recursos bastante eloquentes no abrir de portas em favor de uma emoção positiva, emoção que por sua vez dará a chance para a informação entrar tirando o aluno de uma posição inerte ou passiva.

Considerando que os corpos que estão em sala de aula são plurais e multimodais e que uma aula que os atenda em sua diversidade, também precisa ser plural e multimodal, este texto propõe uma reflexão sobre as possíveis contribuições dos Letramentos visuais para a sala de aula com sujeitos com TDA. Segundo Ferraz,

[...] uma área de estudo que problematiza o estudo das imagens (estáticas, em movimento e mistas) com o propósito de investigar a sua importância em

<sup>2</sup> <https://tdah.org.br/>



todos os campos, questiona a ideia da representação, repensando as imagens como processo de realização de significados, expande perspectivas, interpretações e conhecimento (Ferraz, 2014 p. 7, tradução nossa).

Para a pesquisa, foi realizada a análise de uma proposta de prática subjetivadora em um minicurso de formação de professores em formação continuada, que aconteceu em quatro encontros de quatro horas cada.

Assim, esta pesquisa etnográfica foi desenvolvida com dados de uma escola de idiomas na cidade de Cascavel, no estado do Paraná. Os participantes foram professores de inglês e espanhol, todos com mais de 3 anos de experiência em sala de aula de L.E. (língua estrangeira) e na faixa etária entre 23 e 35 anos. A proposta do minicurso e a escolha do lócus da pesquisa, deram-se pela constatação do aumento de alunos com laudo de TDAH e da necessidade de entender e atender de forma mais inclusiva esses alunos na escola em que eu atuava também como coordenadora pedagógica. O instrumento utilizado para a coleta de dados foram os resultados da aplicação de uma atividade pedagógica, apresentados e discutidos no minicurso. Para apresentação da pesquisa, primeiramente vamos nos inteirar um pouco mais sobre o Transtorno do Déficit de Atenção, em seguida conversaremos brevemente a respeito dos Letramentos visuais e educação linguística. Na sequência, relatarei como se deu na prática a proposta, e como aconteceu sua aplicação em sala de aula de língua inglesa. Finalmente, compartilharei algumas reflexões sobre esta experiência.

### **TDAH – Definição, diagnóstico e sintomas**

A definição mais simples e assertiva para o Transtorno do Déficit de Atenção (TDA) ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) nos diz que o TDAH é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e na maioria dos casos acompanha o indivíduo também na vida adulta. Os sintomas mais característicos são desatenção, inquietação e impulsividade. Este é, segundo a ABDA - Associação Brasileira do Déficit de Atenção, o transtorno mais comum em crianças e adolescentes encaminhados para



serviços especializados. No Brasil, o percentual varia entre 5% e 8% de crianças e adolescentes com laudo de TDAH ou TDA.

O TDAH é reconhecido pela OMD- Organização mundial de Saúde - e consta no Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais DSM-5, porém este não é uma doença, mas sim uma forma diferente de funcionamento do cérebro. De acordo com a ABDA, os sujeitos TDAH apresentam alterações na região frontal do cérebro, o córtex frontal. Essa região é uma das mais desenvolvidas no ser humano em comparação com outras espécies animais e está relacionada a regulação das emoções e do autocontrole, bem como das ações de organização e planejamento da memória. Percebe-se que o córtex frontal é geralmente menor em sujeitos TDAH e há uma alteração dos neurotransmissores noradrenalina e dopamina, responsáveis pela transmissão de informações entre neurônios.

Ao falarmos sobre os sintomas mais característicos do TDAH, encontramos um combo importante, que na maioria dos casos é composto por distração excessiva, impulsividade e hiperatividade, dentre os quais a distração ou alteração da atenção, é o sintoma mais relevante para compreendermos o funcionamento dos sujeitos TDA. Assim, os sujeitos TDA podem ser desatentos/distraídos e não apresentarem hiperatividade, isto é o comportamento TDA não necessariamente vem acompanhado de hiperatividade sinestésica ou impulsividade, mas sempre apresentará desatenção. Vale ainda citar que, com grande frequência, existem de outras questões importantes associadas, como dislexia, discalculia, ansiedade e/ou depressão.

Os sintomas estão presentes desde a infância e em muitos casos acompanham o sujeito até a vida adulta. Ainda segundo a ABDA, cerca de 60% das crianças com TDAH adentram a vida adulta com alguns dos sintomas. Vale destacar que, com tratamento adequado, os sintomas tendem a diminuir com o passar dos anos.

É de grande relevância ainda, ressaltar que muitos adultos e a maioria das crianças são em algum grau impulsivos, inquietos e distraídos, mas isso não significa que esses sujeitos tenham TDAH. Portanto, e principalmente no papel de educadores, precisamos ter bastante cuidado para não rotular como hiperativo um sujeito que é um pouco mais agitado ou um sujeito que é desatento.

O diagnóstico de TDAH é clínico, ainda não existe nenhum tipo de exame físico capaz de diagnosticar o transtorno. O diagnóstico TDAH só pode ser feito através de um protocolo



médico, o qual inicia com longa anamnese, que deve ser realizada por um médico especializado, seja este psiquiatra, neurologista ou neuropediatra.

Com bastante frequência, os primeiros sinais do transtorno são notados pelos professores na escola, pois o aluno com TDAH não consegue cumprir as demandas do sistema educacional tal como está formatado atualmente, por isso seu desempenho parece inferior ao esperado para a sua faixa etária e ou capacidade intelectual. Embora esses sujeitos não necessariamente tenham algum tipo de dificuldade intelectual, pelo contrário, muitos sujeitos com TDAH apresentam um Q.I. acima da média, mas não conseguem acessá-lo sem um tratamento adequado, sem corrigir a descompensação química que ocorre no seu cérebro, na maioria dos casos. Há muitos relatos de adolescentes e adultos, inclusive celebridades, que sofreram grandes prejuízos emocionais, acadêmicos e até comorbidades associadas ao longo dos anos, em função da falta de diagnóstico do transtorno. Daí a importância de, ao identificarmos sintomas de TDAH, sugerirmos ou alertarmos os pais para que procurem um profissional médico que possa fazer o diagnóstico e se for o caso, encaminhar o sujeito para tratamento adequado.

Uma curiosidade sobre o transtorno é que as meninas são menos diagnosticadas que os meninos, pois as meninas têm menos sintomas de hiperatividade-impulsividade que os meninos- seria esse um fator cultural? Bem, assunto que pode ser melhor explorado por algum colega e que com certeza vale a pesquisa- mas são desatentas da mesma maneira, por isso por muito anos acreditava-se que o TDAH só ocorresse no sexo masculino.

Para concluir essa breve explanação sobre o transtorno, entendo como relevante citar que ainda hoje existe um certo preconceito em relação aos sujeitos TDAH, tanto por parte dos pais que, muitas vezes por falta de informação e ou vergonha de ter um filho(a) “diferente”, acabam não procurando ajuda médica, quanto por parte da comunidade em geral ao rotular, menosprezar e ou não acreditar na existência do transtorno. O TDAH juntamente com a Dislexia, foi depois de longos anos de batalha judicial, finalmente reconhecido por lei no Brasil, no ano de 2021. Esse fato merece celebração, pois possibilitará a esses sujeitos o apoio da Educação e principalmente o acesso à saúde pública.

## **Letramento visual – Imagens como elemento subjetivador e inclusivo**



Nos dias atuais, mesmo que façamos um grande esforço, seria extremamente complicado realizar uma concepção de língua sem imagens. Como declara Mirzoeff (2016), quando ressalta a importância da cultura visual em nossa sociedade contemporânea. Na qual, segundo ele as imagens se tornam uma forma ubíqua de comunicar ideias e compreender o mundo que nos cerca. Dessa forma, podemos dizer que a produção e consumo de imagens é um elemento essencial do nosso esforço para navegar em um mundo em constante mudança e encontrar nosso lugar nele.

“Goste ou não, a sociedade global emergente é visual. Todas estas fotografias e vídeos são a nossa forma de tentar ver o mundo. Sentimo-nos compelidos a fazer imagens dele e compartilhá-las com outras pessoas como parte fundamental de nosso esforço para entender o mundo em mudança ao nosso redor e nosso lugar nele” (Mirzoeff, 2016, p.05 tradução nossa).

E, quando pensamos em um contexto de ensino de língua inglesa em cursos de idiomas, as imagens já são grandes aliadas há algumas décadas. Seja em contexto de ensino privado ou público, o fato é que, as imagens se transformaram em recursos preciosos e são empregadas em sala de aula, tanto de maneira mais representativa e superficial, quanto de maneira mais crítica, que pode conduzir o aluno a um importante exercício reflexivo e analítico das mesmas.

Sendo que essa maneira mais ampla e crítica de trabalhar não só com imagens, mas com os letramentos, vem do conceito de multiletramentos, primeiramente trazido pelo grupo de pesquisadores “New London Group”. O conceito que segundo ROJO, 2013 tem como premissas

“...a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos; a pluralidade e a diversidade cultural trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significado” (Rojo, 2013, p.14).

Desta maneira, a partir do pontapé inicial do “New London Group”, desenvolve-se o conceito de “Novos Letramentos” concebido por diversos pesquisadores ao redor do mundo e influenciado pelo pensamento Freireano. No Brasil o conceito foi trabalhado e difundido por



pesquisadores como Monte Mór 2006, 2016, Menezes de Souza 2006, Ferraz 2011, 2014, Duboc 2011 entre outros. De acordo com Menezes de Souza 2006, dentro da perspectiva dos novos letramentos, devemos entender língua como um processo de construção de sentidos, como uma prática social entre sujeitos sócio historicamente constituídos. Para Monte Mór as ideias dos novos letramentos

...vêm sendo reinterpretadas social, cultural e historicamente, respondendo às mudanças sociais das últimas décadas, como no caso do fenômeno da globalização e da comunicação digital. Nesse processo, novas noções se incorporam às percepções de construção de conhecimento, de linguagens, valores, identidades, expandindo as formas de interação, de produção, de relacionamentos – nas quais incluem-se as relações de poder – em locais e campos de trabalho e na vida. Nesses, observa-se a coexistência de novos e antigos paradigmas e a emergência, por um lado, de contradições e conflitos, e, por outro lado, de criação e inovação, trazendo desafios para a aprendizagem e para o ensino das sociedades atuais e futuras. (Monte Mór 2016, p.1)

Dessa maneira, de acordo com Ferraz, a concepção de Letramento Visual encontra-se também, intimamente associada às competências de leitura, interpretação e compreensão das mensagens trazidas pelas imagens. Assim,

O letramento visual é uma das áreas que propõem uma educação crítica por meio das imagens. Muitos teóricos (...) afirmam que a importância dos estudos visuais está no fato de que as imagens não são meras representações da realidade social (visão linear onde a imagem x significa y), mas que elas constroem significados e, como tal, desempenham um papel crucial em todas as esferas sociais, incluindo os contextos educativos (Ferraz, 2014, p. 264).

Nesse sentido, as emoções abrem as portas para o cognitivo e as imagens despertam as emoções. Imagens são recursos bastante frutíferos, para o abrir de portas em favor de uma emoção positiva, a qual por sua vez abrirá as janelas do corpo para que o mundo do aprender possa entrar.



## Construindo *Affordances*

Ao percebermos o aumento da demanda por alunos com TDAH na escola, assim como as dificuldades relatadas pelos professores em atender de maneira inclusiva e efetiva a esses alunos, tornou-se evidente a nossa responsabilidade diante da diversidade e subjetividade desses alunos, conforme destacam Menezes de Souza e Monte Mór (2006)

[...] a disciplina Línguas Estrangeiras na escola visa a ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, cumprir outros compromissos com os educandos, como, por exemplo, contribuir para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais (Monte Mór, 2016 p. 91).

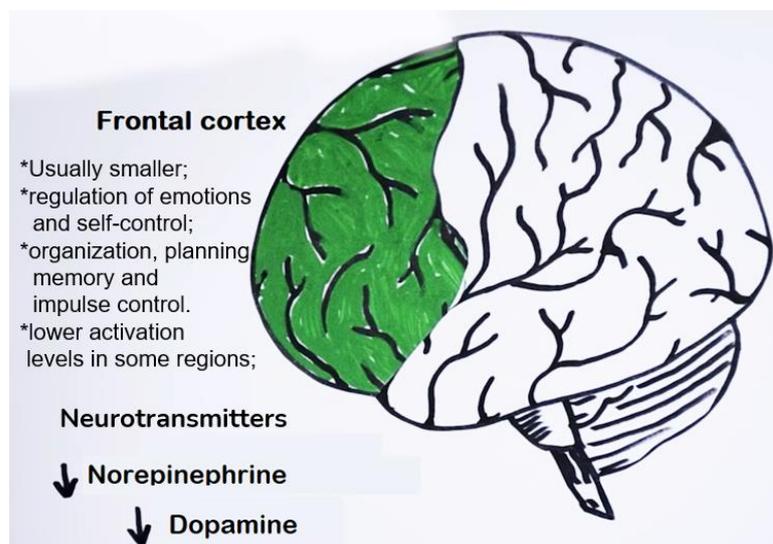
Segui então, com a elaboração de um minicurso que pudesse criar *affordances* para orientar os professores sobre o TDAH e apresentar uma atividade pedagógica que apliquei em uma de minhas turmas, a qual foi alicerçada dentro da concepção dos novos letramentos e Letramentos visuais já mencionadas anteriormente. Em vista disso, nossos encontros foram concebidos com o intuito fornecer recursos, para que os professores pudessem ter condições de entender um pouco melhor o transtorno e por consequência, acolher melhor os alunos de todas as faixas etárias.

No primeiro encontro, trabalhamos dois textos diferentes sobre o tema: O livro de literatura infantil “Fora do Ar” (Totó, 2006) e o capítulo “O que é Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade?” (Rode e Benzick 1999). Para esta primeira parte, separei os professores em dois grupos, assim eles puderam ler os textos enquanto fiquei responsável pela mediação.

Posteriormente cada grupo apresentou as ideias principais de cada texto e discutimos as dúvidas no grande grupo, nesse momento aproveitei para complementar com algumas informações mais técnicas, também fazendo uso das imagens para deixar o assunto mais interessante.



Fig 1



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Entusiasmada com a participação e interesse dos professores até então, para a segunda parte do nosso primeiro encontro, apresentei um testemunho como mãe de um maravilhoso filho com TDAH e convidei um aluno adulto com TDAH para compartilhar sua experiência conosco.

No segundo encontro, iniciamos nossos trabalhos com um slide que continha sutis convites a reflexão em forma de perguntas:

- 1- Você conhece, sabe do que e tratam os ícones deste slide?
- 2- Para que idade ou turma você os usaria como recurso extra?
- 3- Você sabe se seus alunos gostam ou curtem algum dos ícones/figuras?
- 4- Você acredita que esses ícones ajudariam na sua aula, especialmente com os alunos com TDAH? Se sim porquê?



Fig.2

**ANALISE AS IMAGENS ABAIXO**

1. Você conhece, sabe do que se tratam os ícones deste slide?
2. Para que idade ou turma você usaria esse recurso?
3. Você sabe se seus alunos gostam ou curtem algum dos ícones/imagens abaixo?
4. Você acredita que esses ícones ajudariam na sua aula, especialmente com os alunos com TDAH?

Se sim porquê?

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Novamente separei os participantes em 2 grupos e solicitei que discutissem e respondessem as perguntas para posteriormente apresentarem as reflexões para o grande grupo. A segunda parte foi dedicada aos relatos das reflexões trabalhadas em grupo. Entre elas selecionei as seguintes para refletirmos aqui:

1- “– No nosso grupo, só a “fulana” sabe mais sobre o que os alunos gostam. A gente acha que é porque a maioria dos alunos dela são crianças e falam mais sobre eles mesmos.”

2- “– Depois de tudo que a gente viu no primeiro encontro, acho é bem importante saber do que os alunos gostam para criar um vínculo com eles, chamar atenção com as coisas que eles gostam.”

3- “– Gostei de discutir sobre as imagens e já tenho algumas em mente para usar na turma que tenho dois alunos com laudo”

4- “– Fiquei em dúvida se isso não vai distrair eles mais ainda.”

Bem, sobre o primeiro comentário, de acordo com o que a psicanálise explica acerca do desenvolvimento humano, usualmente as crianças são mais desinibidas para falar sobre todo tipo de assunto, inclusive sobre elas mesmas. Assim, quando falamos sobre adultos a abordagem pode e deve ser um pouco diferente. Uma das *affordances* que construímos foi,



planejar algumas atividades bem simples como um jogo rápido de perguntas como “*What’s your favorite movie, music, food, book, tv series, etc...?*” para conhecê-los melhor.

A respeito do segundo comentário, conforme o que vimos sobre o transtorno, a partir do momento em que conseguimos captar a atenção dos alunos com TDAH, através de algo que desperte uma emoção positiva neles, teremos sim, mais chances de que eles retenham a atenção por mais tempo em aula. Fiquei muito feliz com o terceiro comentário em particular, pois essa professora demonstrou-se disposta a aplicar as sugestões. O quarto comentário é também bastante pertinente, pois esse é um relato genuíno de quem tem ou já teve alunos com TDAH em sala de aula. No entanto, se a atividade for bem planejada e o professor conhecer a turma, poderemos ter mais chances de trazer a atenção destes alunos para a aula. Conforme vou apresentar em seguida.

O terceiro encontro foi dedicado a apresentação de uma atividade que eu preparei e apliquei em uma turma de adolescentes, na qual havia dois alunos com laudo, uma aluna com TDA e um aluno com TDAH.

A atividade foi preparada na aula em que revisamos as expressões argumentativas. Para tanto primeiramente separei alguns memes como “*warm up*”, já que na época os memes começavam a ficar bastante populares entre os alunos das mais diversas faixas etárias. A instrução para os alunos foi: de acordo com as expressões estudadas na aula passada e que estão aqui no quadro para vocês lembrarem, escolha um dos memes e em duplas, elabore uma frase contra e outra a favor do assunto para depois apresentar para a turma.



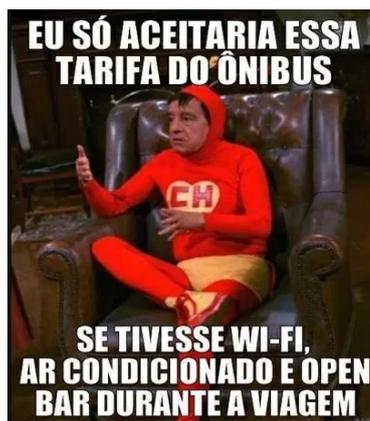
Fig.3

"Olha, eu bem que tentei colaborar com o Mais Médicos. Mas a cidade não tinha Starbucks, Apple Store, coisas básicas. Nem um mísero sushi bar. Depois de duas semanas eu tive que voltar"



Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br/diogo-ramalho/memes-do-fim-do-mais-medicos/>

Fig.4



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/tecnologia/album/2013/06/20/na-internet-protestos-pelo-brasil-ganham-versao-de-meme-piada-e-brincadeira.htm?foto=1>

Os memes escolhidos foram sobre assuntos polêmicos que estavam em discussão na época. Apesar dos assuntos serem bastante sérios, a forma de apresentação dos mesmos através de imagens de memes, foi muito importante para suavizar a sisudez dos assuntos, sem deixar de trazer discussão e reflexão e ainda cumpriu o imprescindível papel de ativar o componente de emoção positiva através de uma forma de imagem, com a qual os alunos identificaram-se instantaneamente.



Selecionei algumas frases que os alunos elaboraram - preservei as frases da maneira que foram produzidas pelos alunos, sem correções- e também alguns comentários sobre a atividade. Frases:

*“– Although the program "Mais Médicos", proposes to bring medical assistance to regions that Brazilian doctors do not want to work, many people criticize the program, only for the fact that the program's doctors are Cuban, if they were Americans no one would complain”*

*“– We believe that even if there are regions that are lacking in doctors, the government should not bring in foreigners to provide public employment in Brazil. On the other hand, the government should use this money to invest in more universities.”*

*“– We don't use buses in our daily lives, but for those who need this service and earn little, we think they should protest so that the fare doesn't go up too high, as there will be less money left over for other important things.”*

*“– If bus companies do not raise the price of the ticket, they will not be able to pay employees and will have to close. That's why protests are wrong, no matter how little people earn and have to pay to ride the bus.”*

Comentários dos alunos TDAH:

*“–Teacher, que legais esses memes! É pra gente passar as frases para o inglês?”*

*“–O Ken é muito sem noção mesmo, (risos) não merece namorar a gostosa da Barbie”*

Não vou me atentar aqui a comentar gramaticalmente as frases elaboradas pelos alunos, até porque eram alunos de nível pré-intermediário, bem como não comentarei também o sentido das mesmas, já que foram produzidas por adolescentes de classes média e classe alta. Porém, pude constatar que a estratégia funcionou de maneira bastante satisfatória, não só para os alunos TDAH, mas também para a turma como um todo, já que rapidamente engajaram-se com a ideia e solicitaram minha ajuda várias vezes para verificação das expressões na construção das frases argumentativas, além é claro de ter causado uma discussão bastante produtiva sobre assuntos relevantes. Resultado da aula, alunos participativos e *teacher* radiante.

Agora volta comigo para o para o último dia de minicurso. No quarto encontro como os professores, propus para elaboração de atividades para uma turma que cada professor



escolheu, novamente eles trabalharam em duplas. Infelizmente, não há espaço aqui para relatar os planejamentos elaborados pelos professores, os quais na minha percepção, foram segundo os relatos:

### **Algumas reflexões**

Confesso que, na época em que desenvolvi este minicurso, não tinha conhecimento sobre conceitos dos novos letramentos, letramentos críticos ou letramentos visuais. Essas teorias teriam acrescentado muito às minhas reflexões e práticas, uma vez que, segundo a definição de Wileman (1993, p. 114), o letramento visual engloba a capacidade de ler, interpretar e compreender informações apresentadas em imagens pictóricas ou gráficas. Além disso, também inclui a habilidade de transformar essas informações em imagens, gráficos ou formas que possam facilitar a comunicação. O conhecimento dessas ideias na época teria, sem dúvidas, enriquecido ainda mais o desenvolvimento deste minicurso. No entanto, sempre acreditei em não ensinar a língua pela língua, e sempre acreditei que *aprendemos palavras para melhorar os olhos*. A oportunidade que temos em uma aula de língua estrangeira é muito especial e não deve ser desperdiçada, pois apesar de precisamos ensinar um conteúdo, podemos ensiná-lo através de várias lentes diferentes. E as lentes que eu conhecia e usava na época, são as das atemporais teorias de Paulo Freire e Vigótsky. Hoje depois de ter retomado a caminhada acadêmica, posso refletir sobre esse minicurso com lentes de teorias que somam e enriquecem imensamente as teorias que guiaram minha prática pedagógica à época.

Percebo no minicurso a necessidade da subjetivação e assim como Biesta, entendo que a subjetivação é uma das questões mais importantes para a *boa educação*

A eficácia não é razão suficiente para adotar uma abordagem ou procedimento, porque é um valor instrumental, não diz nada sobre a desejabilidade dos fins em si mesmos. São necessários julgamentos normativos sobre o que consideramos educacionalmente desejável. Eficaz para quê? Eficaz para quem? (Biesta, 2010, p. 03).



De acordo com Monte Mór, aprendi que por meio do letramento crítico na educação linguística, temos a possibilidade de equipar os sujeitos à expansão de suas compreensões e interpretações:

[...] o ‘estrangeiro’ nesse aprendizado reflete ‘o outro’ na comunicação, nas relações e interações sociais. Ou seja, aprender como esses outros constroem as suas comunicações e relações sociais representa a oportunidade de, por meio de uma língua estrangeira, ampliar a compreensão sobre a diversidade de expressão e interação comunicativa e cultural construídas pelos alunos e os vários ‘outros’ e de como as comunicações e interações ‘eu-outro’ se elaboram conjunta e dialogicamente (Monte Mór, 2011, p. 02).

Finalmente, segundo os ensinamentos de Ferraz (2014), acredito que a proposta do minicurso se alinha à perspectiva dos Letramentos Visuais, pois ela nos desafia a refletir sobre o papel das imagens dentro e fora da sala de aula e entendê-las como propulsoras de ampliação de nossos olhares. Esta perspectiva dialoga também com Mirzoeff (2016), quando o autor destaca a voz dos Letramentos Visuais ao enfatizar que, na sociedade global contemporânea, as imagens se tornaram um meio essencial de comunicação e compreensão do mundo ao nosso redor. Portanto, ao incorporar imagens na sala de aula com alunos que possuem laudo de TDAH, não só às utilizei como ferramentas pedagógicas inclusivas, mas também como o intuito de desenvolver habilidades críticas para interpretá-las e produzi-las como parte integrante do repertório cultural e comunicativo dos alunos.

## REFERÊNCIAS

- A.B.D.A., **Associação Brasileira do Deficit de Atenção**. <https://tdah.org.br>
- BIESTA, G. Good education: what it is and why we need it. Inaugural Lecture Professor Gert Biesta The Stirling Institute of Education 4th March 2009. Reescrito e publicado no livro: Biesta, G.J.J. (2010). **Good education in an age of measurement: Ethics, politics, democracy**. Boulder, Co: Paradigm Publishers.
- DUBOC, A. P. ; FERRAZ, D. M. Letramentos críticos e formação de professores de inglês: currículos e perspectivas em expansão. Letramentos e Multiletramentos no Ensino de Línguas e Literaturas. **Revista X**, vol.1, 2011.



FERRAZ, D. M. Visual Literacy: The interpretation of imagens in English classes. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 5, n. 1, p. 16-28, jan./maio 2014. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/1403>. Acesso em: 03/12/2014.

MIRZOEFF, Nicholas. **How to see the world**: An introduction to images, from Self-Portraits to Selfies, Maps to Movie, and More-Basic Books, 2016.

MONTE-MÓR, W. Crítica e Letramentos Críticos: Reflexões Preliminares. In: ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. (Org.). **Língua Estrangeira e Formação Cidadã**: Por entre Discursos e Práticas. Campinas: Pontes, 2013. p. 31-50.

MONTE MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil**: trajetórias e práticas de professores/as universitários/as de inglês. São Paulo: Parábola, 2018.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T.; MONTE-MÓR, W. Orientações Curriculares do Ensino Médio: Línguas Estrangeiras, Linguagens, Códigos e Tecnologias. Brasília: MEC-SEB, 2006.

ROHDE, Luís; BENCZICK Edyleine. **Transtorno de déficit de atenção e Hiperatividade**: O que é? Como ajudar?. São Paulo, Artmed, 1999.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In.: ROJO, Roxane (Org.). **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TIC. São Paulo: Parábola, 2013. P. 14.

TOTÓ, Fora do Ar - Coleção Janelinha – São Paulo: FTD, 2006.

WILEMAN, R. E. **Visual communicating**. Englewood Cliffs, N.J.: Educational Technology Publications, 1993